

# Vamos parar de nos enganar

ODED GRAJEW

O relatório do Banco Mundial deste ano aponta o Brasil como campeão mundial da desigualdade social. Nenhum país no planeta é mais injusto do que o nosso. Milhões de brasileiros vivem em absoluta miséria e ignorância.

Por outro lado, muitos vivem à custa da miséria e da ignorância, explorando mão-de-obra barata, usando a corrupção e a demagogia para galgar posições na hierarquia de poder. Outros perderam a esperança e preferem a alienação, a política do avestruz enfiando a cabeça na areia, fingindo que não têm nada a ver com isso.

Muitos desistiram e saíram do país. Um número crescente de brasileiros acha que a única maneira de sobreviver é instalar definitivamente a lei da selva, a volta à barbárie onde apenas pela força, pela violência, é possível conquistar um espaço. Existe ainda um grupo que quer mudar, não se conforma, mas diante da magnitude dos problemas nem sabe por onde começar e o que fazer.

Várias pessoas continuam muito otimistas e acham que o Brasil está caminhando naturalmente para a modernidade a passos largos. Finalmente um grande contingente de brasileiros, anônimos e conhecidos, pobres e ricos, trabalhadores, empresários, ONG's, empresas e fundações privadas, associações civis, universidades, entidades religiosas, voluntários e homens públicos, se dedica a transformar a perversa realidade social brasileira, acreditando que um futuro melhor depende de correções de rumo.

Penso que o otimismo exagerado, o conformismo, a alienação e a dispersão de esforços dificultam sobremaneira a tarefa dos brasileiros de boa-fé que querem mudanças e facilitam o trabalho das forças do atraso e da barbárie.

E aí quero colocar e grifar o dado mais impressionante da nossa realidade: de cada 100 crianças brasileiras que se matriculam no primeiro grau, apenas 22 chegam à 8ª série. A evasão escolar no Brasil, pelo último relatório do Unicef, é superada apenas por dois países: Guiné Bissau e Haiti.

As nossas crianças abandonam a escola, desestimuladas pela baixa qualidade do ensino e pressionadas para trabalhar precocemente por parentes que enxergam nas crianças uma oportunidade

de completar a renda familiar, e por empresários que se utilizam inescrupulosamente dessa mão-de-obra barata, alguns usando o pretexto de "melhor a criança no trabalho do que na rua" ao invés de "melhor a criança na escola do que na rua ou no trabalho precoce".

À luz dos dramáticos dados sobre a evasão escolar, alguém com um mínimo de bom senso poderia imaginar que estamos realmente a caminho da cidadania, da plena democracia e da justiça social? Algum empresário ainda acha que o Brasil pode se inserir de forma competitiva no mercado internacional onde a principal ferramenta nessa dura disputa é o conhecimento, a informação, a qualidade da mão-de-obra, o acesso e o manuseio da tecnologia?

Vamos parar de nos enganar! A menos que acreditemos em soluções messiânicas, devemos colocar a infância como prioridade máxima da nação e promover um enorme mutirão para colocar todas as crianças na escola.

Foi com esse intuito que a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança lançou o programa Empresa Amiga da Criança. É uma campanha que tenta sensibilizar e mobilizar os empresários a não explorar a mão-de-obra infantil e a promover ações em favor das crianças, dando a elas uma chance de verdade na vida: a oportunidade de estudar.

Aos interessados é oferecido um cardápio de opções, baseado em experiências bem-sucedidas. O empresário sensibilizado poderá ajudar uma escola pública, construir ou equipar uma creche, apoiar uma biblioteca ou uma brinquedoteca da comunidade, desenvolver um projeto esportivo com crianças e adolescentes, oferecer bolsas de estudos, destinar 1% do seu imposto de renda aos fundos da criança e do adolescente, abrir sua empresa oferecendo cursos de profissionalização, adotar financeiramente uma ou mais crianças, apoiar entidades de atendimento integral, apoiar

projetos para retirar crianças da rua e colocá-las na escola etc.

Os ministérios da Educação, Trabalho, Justiça e do Desporto colocaram a serviço dos empresários um serviço de atendimento, orientando os interessados sobre os diversos projetos que podem ser apoiados. As empresas que aderirem ao projeto receberão da Fundação Abrinq um diploma e o direito de usar o selo da campanha em seus produtos, valorizando-se diante da comunidade.

Aos empresários cabe também a tarefa de usar seu poder político para pressionar o governo a cumprir sua tarefa de oferecer uma educação de qualidade a todos os brasileiros. Muitas vezes imagino que no dia que os filhos dos nossos governantes (Executivo, Legislativo e Judiciário em todos os níveis) estiverem frequentando uma escola pública, teremos um grande incremento na vontade política de melhorar a educação brasileira. Vimos recentemente a disposição e a agilidade de alguns parlamentares agin-

do para resolver um problema que os atinge pessoalmente.

Da mesma forma que, como país, oferecemos aos nossos filhos a oportunidade de estudar porque sabemos que dessa forma eles terão

condições de ter uma vida digna, devemos colocar todas as crianças brasileiras na escola para que o Brasil possa ser motivo de orgulho para nós mesmos. Exemplos de outros países, prefeituras e o trabalho de organizações da sociedade civil mostram que essa meta é viável.

Devemos colocar a educação como primeira prioridade, mobilizar governo e sociedade civil para ir atrás de cada criança que não esteja estudando e oferecer condições para colocá-la na escola. É o único esforço que pode fazer o nosso amor pelo Brasil ser acompanhado pelo orgulho de sermos brasileiros.

ODED GRAJEW, 50, empresário, é coordenador do PNBE (Pensamento Nacional das Bases Empresariais), coordenador-geral da Cives (Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania) e diretor-presidente da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança.

---

*A evasão escolar no  
Brasil é superada apenas  
por dois países:  
Guiné Bissau e Haiti*

---